

O Ó DA VIAGEM

Trechos principais de críticas recebidas, seguidos dos recortes de onde foram extraídos.

“Um espetáculo envolvente, instigante, que lança sobre o Brasil e à figura de Mário de Andrade um olhar carinhoso e crítico.”

Alberto Guzik / Jornal da Tarde

“Uma caderneta de campo em forma de espetáculo.

...

Ó caráter informativo desse espetáculo talvez seja indicativo de uma nova e necessária forma de reaproximação entre as regiões do País.

...

Na sua austeridade melódica e rítmica, as músicas do espetáculo nos lembram que há uma outra possibilidade estética, a do rigor construtivo e da economia.”

Mariangela Alves de Lima / O Estado de S.Paulo



Andréa Bassit, Heraldo Firmino, Walter Garcia e Deborah Serrettiello, atores da Cia. do Feijão: à procura do trágico e do heróico no pobre sertão do Cariri

'O Ó da Viagem' é exercício de reflexão

Trabalho de caráter informativo não investe no folclore e se fixa na realidade da pobreza

MARIANGELA ALVES DE LIMA

Especial

Um grupo teatral, a Companhia do Feijão, foi ao interior da Paraíba no início deste ano. Desta viagem retornou com uma caderneta de campo sob a forma de espetáculo. Observou o modo de vida da população do sertão, experimentou o convívio e registrou manifestações artísticas locais, sobretudo a música. E utiliza agora, no seu trabalho cênico, os textos com que Mário de Andrade expressou, em seu diário, as experiências de uma viagem ao Nordeste.

Nesse caso o débito ao escritor paulistano não é só a apropriação literária, mas também da atitude científica que Mário de Andrade praticamente inaugurou entre nós. O modo como os intelectuais e os artistas sulistas contemplam o norte do País mudou de perspectiva dos anos 30 até hoje. Para os artistas engajados dos anos 60, por exemplo, as manifestações culturais do norte e do nordeste do País eram exemplos da resistência nacional à influência estrangeira, ao mesmo tempo em que a estratificação social arcaica simbolizava, em altíssimo contraste, a exploração do trabalhador. Ao retomar os procedimentos e o tratamento estilístico de Mário de Andrade, o grupo parece querer reafirmar em *O Ó da Viagem* a validade da isenção científica.

O áspero e pobre sertão do



Andréa Bassit: sem exageros

Cariri não é, nesta dramatização, uma metáfora, mas uma realidade que obriga à reflexão por que se repete, ou seja, porque é possível recontá-la por intermédio de um observador situado nos anos 20. A permanência tem um duplo sentido, trágico e heróico. Não mudou o sertão e passaram ao largo as benesses da ciência e da tecnologia. Não mudou o sertão, mas seus habitantes resistem à escassez, entesouraram a sua cultura e sobreviveram.

Com essa perspectiva a Companhia do Feijão elimina do seu horizonte de representação as cores fortes, os ditos perspicazes e as preciosas coreografias das festas populares que, com frequência, aparecem nos nossos palcos investindo o Nordeste de uma alteridade mítica. Esse trabalho tem o tom terrroso

da paisagem ressequida, a dissonância dos cantos pré-polífonos e a austeridade visual da pobreza. Igualmente econômicas são as composições de personagens, que não utilizam nuances emocionais ou graça farsesca. Apenas indicam atitudes observadas nessa paisagem humana.

O caráter informativo desse espetáculo, fiel à atitude intelectual do fundador da nossa primeira sociedade etnográfica, talvez seja indicativo de uma nova e necessária forma de aproximação entre as regiões do País. Sem o suporte ideológico da redenção social, o sertão é mais do que um exemplo caridante de arcaísmo. Torna-se alguma coisa verdadeiramente contemporânea, parte do que somos agora.

Nas músicas, recolhidas pelo grupo ou por Mário de Andrade, há sem dúvida, um outro tipo de beleza que agora nos parece ainda mais estrangeira, com o passar do tempo. Habituo-nos à abundância, à variedade, a exagerados apelos emocionais e sensoriais. Na sua austeridade melódica e rítmica, as músicas desse espetáculo nos lembram que há uma outra possibilidade estética, a do rigor construtivo e da economia. É o mesmo caminho que, a contrapelo da exaltação, segue a poesia de João Cabral de Melo Neto.



Crítica

SERVIÇO

O Ó da Viagem. Epopéia tragicômica. Adaptação e direção de Pedro Pires.

Duração: 1 hora. Sexta e sábado, às 21 horas; domingo, às 19 horas. R\$ 10,00. Teatro Caçula Becker. Rua Tito, 295, tel. 864-4513. Até 26/9.

Co-patrocínio: Secretaria Municipal de Cultura. Apoio: Doutores da Alegria, Cecília Rotisserie e Restaurante, Galpão da Pizza, Telemídia

'O Ó da Viagem' põe em cena realidade do Nordeste

Espetáculo que estréia hoje é resultado de diários de atores da Companhia do Feijão

Em janeiro, o diretor Pedro Pires e os cinco atores da Companhia do Feijão fizeram um viagem de 20 dias pelo sertão do Cariri, na Paraíba, apresentando o espetáculo *Movido a Feijão*, cujos personagens eram catadores de lixo das ruas paulistanas. Não desperdiçaram a oportunidade. Cada um registrou num diário as experiências vividas, o que resultou num novo espetáculo, *O Ó da Viagem*, que estréia hoje no Teatro Cacilda Becker.

Em 1929, o escritor Mário de Andrade realizou viagem semelhante, registrada no livro *O Turista Aprendiz*. O texto do espetáculo, criado por Pedro Pires, costura trechos do diário de Andrade com o dos atores. Em cena, uma trupe narra sua viagem pelo Nordeste e recria as cenas vistas ou vividas, algumas poéticas, outras cômicas, dramáticas e até mesmo trágicas.

Andrade e a trupe teatral não só percorreram as mesmas cidades como ocorreram algumas coincidências registradas pelos atores. O escritor passou pela cidade de Seridó, na Paraíba, no dia 19 de janeiro de 1929, onde a trupe também esteve no dia 19 de janeiro. O que mudou na cidade 70 anos depois? "A miséria piorou", constatou Pires. "Na época de Andrade, havia a esperança de as casas melhorarem a partir da cultura do algodão, um algodão de fibra longa muito valorizado no mercado", comenta. "Porém na década de 50 a praga do bicudo destruiu o algodão do Nordeste."



**ENCENAÇÃO
COSTURA TEXTO
DE MÁRIO DE
ANDRADE**

O diretor ressalta o deslocamento para o Nordeste como uma experiência fundamental na transformação do olhar dos atores sobre o Brasil. "Em São Paulo, a miséria está nas ruas, mas a gente procura não ver, até por um question de sobrevivência." O distanciamento provocado pela viagem propiciou aos atores uma profunda reflexão sobre o País. Mas longe de levar para o palco um texto panfletário, eles buscaram dividir com o público sua vivência. "O País nunca vai resolver-se enquanto a gente não acabar com a miséria, enquanto a cidadania, com seus di-

reitos e deveres, não for uma realidade para todos os brasileiros."

Entre as experiências vividas e transportadas para o palco está um comício, no qual os coronéis são caracterizados pelo viés do humor. Pelo mesmo viés, eles mostram o conflito de culturas por intermédio da personagem de uma deslumbrada turista paulistana que acha tudo muito bonito e rústico. "Ela pede um copo d'água numa casa, e isso ocorreu com a gente, sem noção de que água ali é ouro." Além de recusar a água suja oferecida, ela tenta convencer a família que não se pode beber daquela água, como se houvesse outra.

Os atores também colocam em cena as filas para as pipas d'água, as procissões, as festas populares e a tragédia das crianças que morrem de fome. No tex-

to escrito para o programa do espetáculo, o professor José Antônio Pasta elogia a "simplicidade e precisão" do espetáculo. "A recorrência aos textos de Mário de Andrade, como mediação e fio condutor, foi um achado feliz: por um lado, deu dimensão histórica à experiência atual, revelando que a modernização do Brasil era e continua sendo excludente e regressiva; e, por outro, evitou a identificação demagógica com os despossuídos, permitindo sustentar com coragem a diferença", comentou Pasta.

Os cenários são criados pelos atores em cena. Malas transformam-se em ônibus e até fachadas de casas, assim como baldes, viram instrumentos de percussão da trilha criada por Walter Garcia, cantada pelo elenco. (B.N.)

Duas cenas de 'O Ó da Viagem', que leva ao palco a experiência vivida pelos cinco integrantes da cia.: turnê de 20 dias pelo sertão do Cariri, na Paraíba, resulta num espetáculo que mescla momentos poéticos, engraçados, dramáticos e trágicos



SERVIÇO

O Ó da Viagem. *Epopéia tragicômica.* Adaptação e direção de Pedro Pires. Com a Companhia do Feijão. Duração de 60 minutos. Hoje e amanhã, às 21 horas; domingo, às 19 horas. R\$ 10,00. Teatro Cacilda

Becker. Rua Tito, 295, tel. 864-4513. Co-patrocínio: Secretaria Municipal de Cultura. Apoio: Doutores da Alegria, Cecilia Rotisserie e Restaurante, Galpão da Pizza, Telemídia. Até 19/9